

FIM DO MUNDO

POR QUE AMAMOS NARRATIVAS
QUE APRESENTA O APOCALIPSE?

acesse para

SABER+

fantalogia.org

fantalogia.com.br

[@fantalogiahub](https://www.instagram.com/fantalogiahub)





@omatheusprado

MATHEUS PRADO

oi@matheusprado.com.br



66 99653-7702

- Bacharel em **Jornalismo** (UniFasipe)
- Licenciado em **História** (UNIFAHE)
- Menstrando em **Litras/Literatura** (UNEMAT)

- Especialização em **Cinema e Linguagem Audiovisual** (Estácio)
- MBA em **Marketing e Branding** (Descomplica)
- Especialização em **Ciências Políticas** (Líbano)
- Especialização em **História da Arte** (Líbano)
- Especialização em **História Geral** (FOCUS)

O FASCÍNIO HUMANO PELO FIM DE TUDO



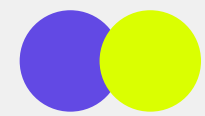


O fim do mundo é uma das **narrativas mais antigas da humanidade**. A **Epopeia de Gilgamesh**, um dos **mitos mesopotâmicos** mais antigos de que se tem notícia (c. 2100 a.C.), já mostrava a civilização sendo quase **extinta por um dilúvio**.



Segundo o antropólogo **Claude Lévi-Strauss**, o apocalipse nos serve como uma metáfora da crise e também da renovação:

Os mitos expressam e resolvem contradições sociais profundas, permitindo à sociedade lidar com o inaceitável.



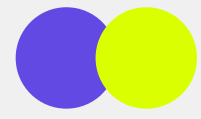
No livro *Simulacros e Simulação*, de 1981, o filósofo **Jean Baudrillard** argumenta que vivemos numa cultura em que **a realidade foi substituída por seus próprios modelos e representações**. Neste cenário, as narrativas de catástrofe e fim do mundo funcionam como simulacros do real, mostrando que:

Consumimos imagens de colapso porque o **colapso verdadeiro se tornou inimaginável**. O apocalipse não é o fim da cultura, mas um de seus produtos mais persistentes.



Estamos fascinados pela **morte** e pela **catástrofe** porque elas são a **única certeza** em um mundo saturado de incertezas.

Simulacros e Simulação aparece em **Matrix**, de 1999



O **Apocalipse de João**, último livro do Novo Testamento da **Bíblia**, descreve a destruição do mundo não como um fim absoluto, mas como a preparação para a "Nova Jerusalém". A mesma lógica aparece no **Ragnarök**, da **Mitologia Nórdica**, onde após a batalha final e o colapso dos deuses, o mundo renasce verde e fértil.

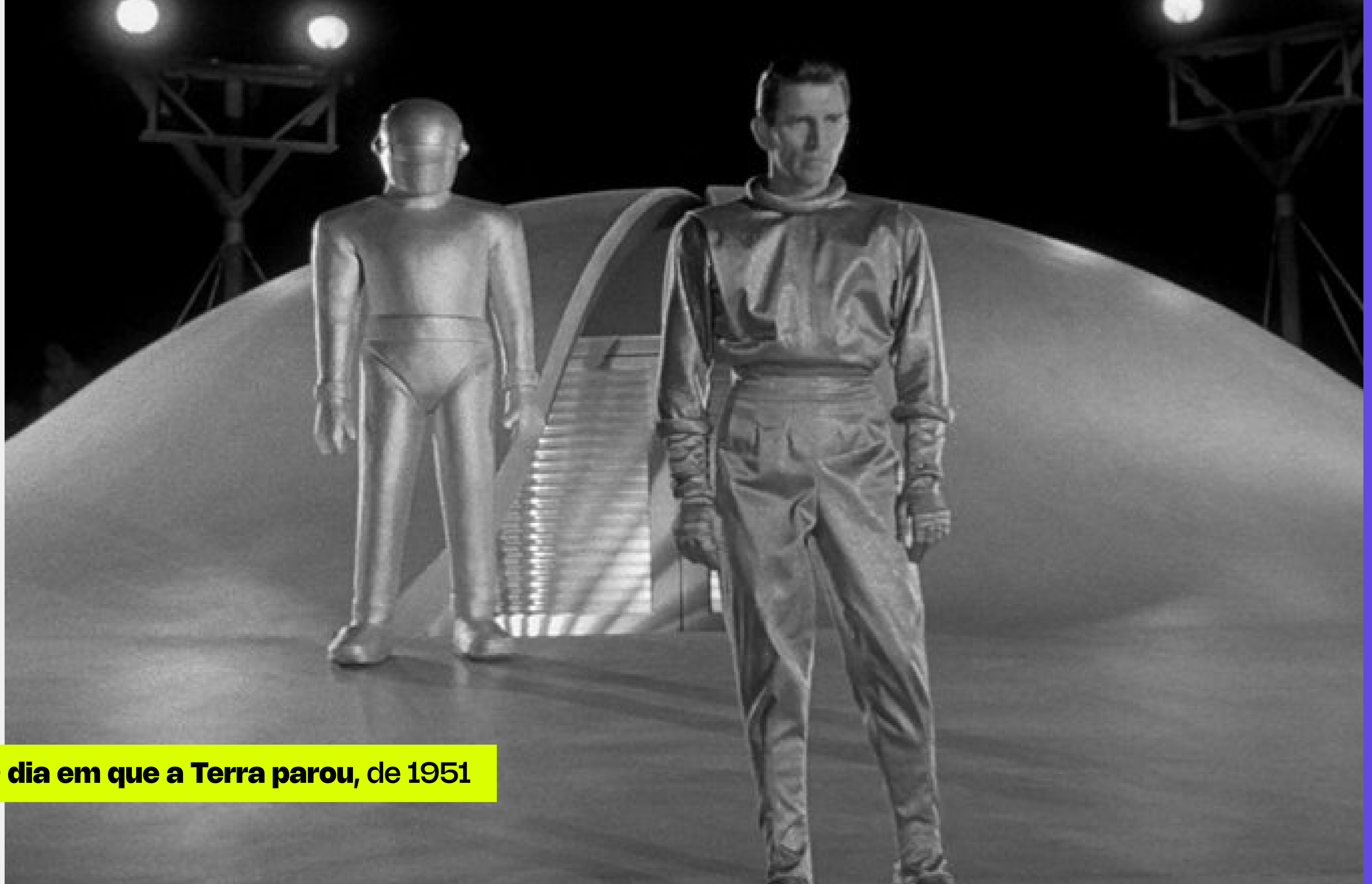


Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse Bíblico, por Dudu Torres



A partir do século XX, o apocalipse religioso começa a ser **substituído pelo apocalipse científico.**

Novas ameaças, como o **holocausto nuclear** e as **mudanças climáticas**, substituem a ira divina pelo risco causado pela própria humanidade. E com a eclosão da **Guerra Fria**, o cinema transformou o apocalipse em um grande espetáculo.



O dia em que a Terra parou, de 1951



Dr. Fantástico, de 1964



O Dia Depois de Amanhã, de 2004

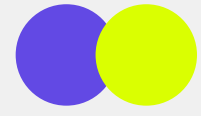


Mad Max: Estrada da Fúria, de 2015



Mas por que consumimos avidamente histórias sobre o colapso? Em **The Philosophy of Horror** (1990), o filósofo **Noël Carroll** oferece uma resposta interessante: o horror narrativo nos permite experimentar emoções intensas como o medo e a tensão, mas em ambiente seguro e controlado. Carroll argumenta que:

Nestas narrativas, o prazer estético deriva justamente da distância entre a ameaça representada e a experiência real do leitor ou espectador. Confrontamos o insuportável sem sermos destruídos por ele.



As narrativas apocalípticas também funcionam como críticas sociais disfarçadas. **O Conto da Aia** (1985) de **Margaret Atwood** propõe que a distopia não é um futuro distante, mas uma extrapolação de tendências reais. A autora afirmou:

Não escrevi nada que já não tenha acontecido em algum lugar.



O Conto da Aia, de 2017



Curiosamente, o apocalipse **raramente é absoluto**. Sempre há sobreviventes e uma possibilidade de reconstrução. Em **Filhos da Esperança** (2006), o nascimento de uma criança representa esperança num mundo infértil. O diretor **Alfonso Cuarón** declarou:

A esperança é a última resistência possível frente à barbárie.



Filhos da Esperança, de 2006



Filhos da Esperança, de 2006



Filhos da Esperança, de 2006



Filhos da Esperança, de 2006



A FICÇÃO MOLDA O MUNDO OU É MOLDADA POR ELE?



Analisar esta questão é a chave para entender o **fascínio pelo fim do mundo**. A tradição clássica reconhecia **a arte como um espelho da sociedade**. Para Aristóteles:

A poesia é mais filosófica e mais séria que a história, pois expressa o universal, enquanto a história expressa o particular.

A ficção captura as **estruturas profundas da experiência humana**, refletindo nossos **valores e dilemas**.



Este caráter reflexivo da ficção é evidente em distopias, que ecoam os medos sociais. Ainda que não tenha criado o medo do totalitarismo, o livro **1984**, de **George Orwell**, o tornou palpável. Dessa forma, **toda distopia é uma utopia falha** e uma reflexão sobre o presente.

1984, de 1984



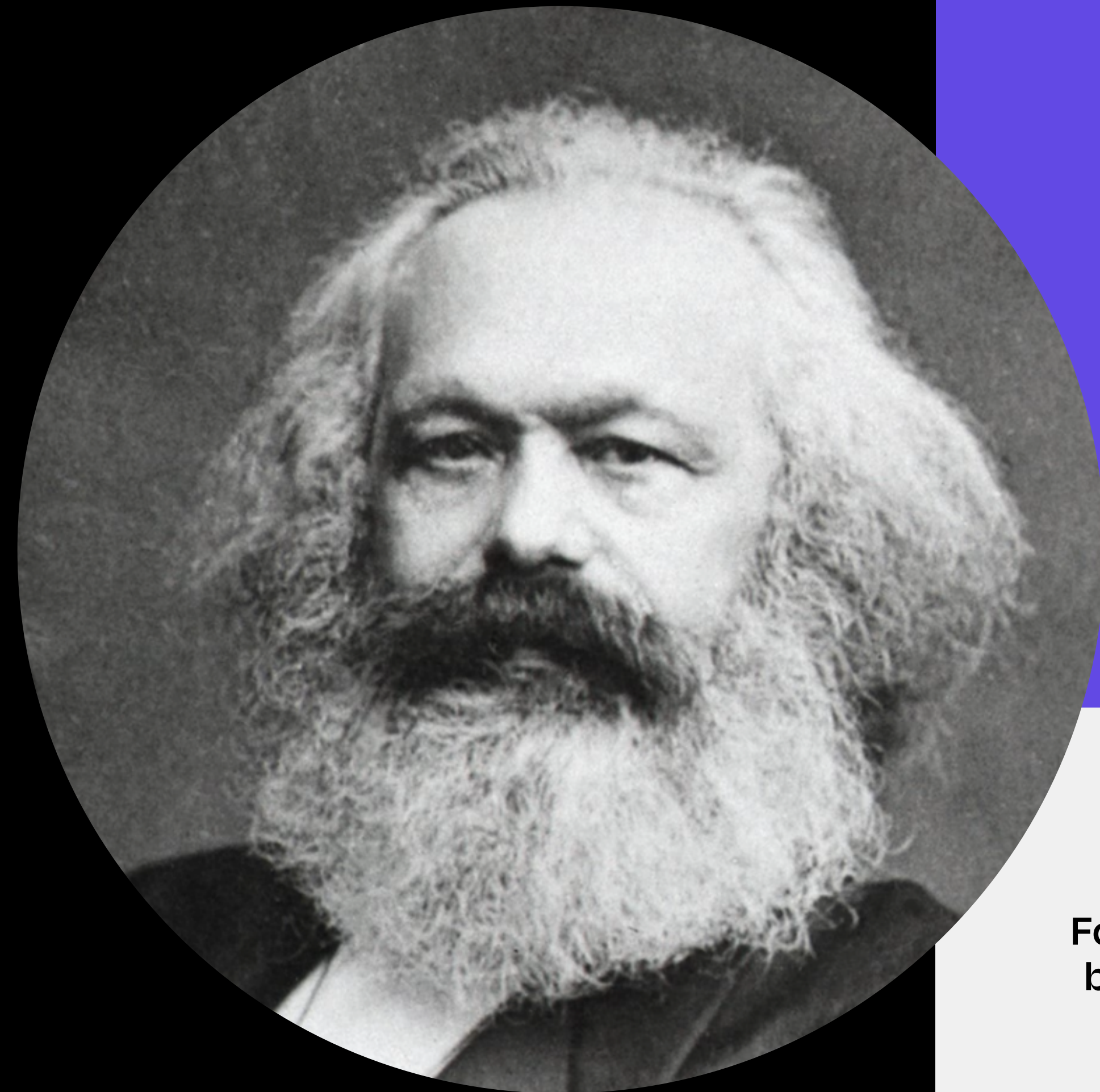


E ao mesmo tempo em que a arte reflete a sociedade, ela também pode transformá-la. O teórico da comunicação **George Gerbner** dedicou décadas ao estudo desta relação, desenvolvendo o conceito de **cultivation theory**: a exposição contínua a determinadas narrativas midiáticas molda, de forma cumulativa, nossa percepção da realidade social. Em artigo publicado no **Journal of International Communication** em 1998, Gerbner sintetizou esse argumento com precisão:

Quem conta as histórias de uma cultura governa o comportamento e o pensamento dessa cultura.

Reflexão

— **NARRATIVA
DOMINANTE**



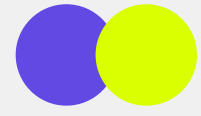
**As ideias da classe
dominante são, em
cada época, as ideias
dominantes.**

Karl Marx (1818–1883)

Foi um filósofo, economista e revolucionário alemão do século XIX. Ele criou as bases teóricas do socialismo científico e do comunismo, transformando para sempre a política e a economia mundial. Segundo o pensamento de Marx, quem controla a economia também controla a narrativa da sociedade.

A febre do **Bebê reborn** em 2025





Muitas inovações tecnológicas nasceram primeiro como ficção. O **celular**, por exemplo, foi inspirado pelo communicator da série **Star Trek** (1966). O engenheiro **Martin Cooper**, criador do aparelho, reconheceu essa influência em uma entrevista para a BBC, dizendo que foi da ficção que tirou a ideia de que poderíamos nos **comunicar sem fios**.



Martin Cooper, inventor do celular



Star Trek, de 1966



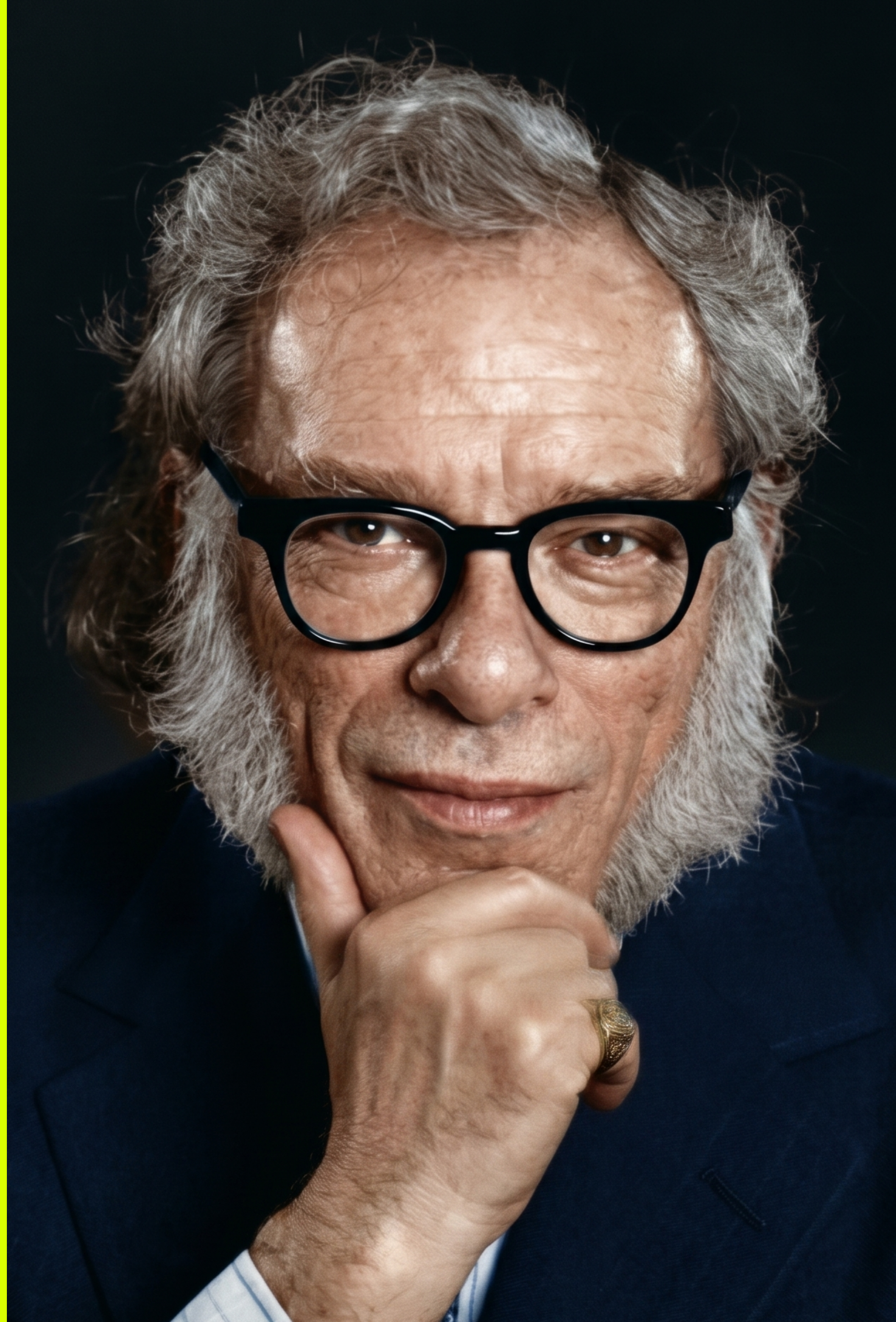
Não existe resposta binária quando tentamos definir se a ficção molda ou é moldada pelo pensamento humano. A relação é circular e produtiva, uma vez que **a ficção nasce do presente e age sobre o futuro.** **Ray Bradbury**, um dos maiores nomes da ficção científica do século XX, expressou essa ideia com clareza:

“Eu não tento prever o futuro, tento preveni-lo.” A ficção especulativa não é profecia e sim diagnóstico e advertência.



O COMPLEXO DE FRANKENSTEIN:

POR QUE NÓS SEMPRE RETRATAMOS A **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** E A **TECNOLOGIA**, NO GERAL, COMO INIMIGAS?



Em 1950, **Isaac Asimov** cunhou o termo **Complexo de Frankenstein** para nomear o medo humano, irracional e recorrente, de ser dominado pelas próprias criações artificiais. Para Asimov, esse medo era um preconceito alimentado por séculos de ficção irresponsável.

Em resposta direta a ele, criou as **Três Leis da Robótica** e construiu toda uma obra em que os robôs são retratados como criaturas mais éticas e confiáveis do que os humanos que os temem. Para Asimov, o problema nunca foi a máquina, mas sim quem a construiu.

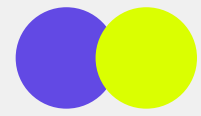


O medo de que nossas criações tecnológicas possam escapar ao nosso controle remonta a **Frankenstein**, livro de **Mary Shelley**, publicado em 1818. E vale destacar um dado frequentemente esquecido nas adaptações: **a criatura de Victor Frankenstein não é maléfica por natureza**. Ela torna-se violenta pela total **negligência e pelo abandono do criador**, que recusa qualquer responsabilidade sobre aquilo que trouxe à existência.

Assim sendo, o romance de Shelley é menos sobre o monstro destruidor e muito mais sobre a irresponsabilidade de quem cria sem assumir as consequências pelo ato criador.

Frankenstein, de 1931

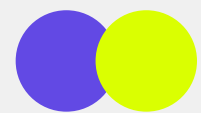




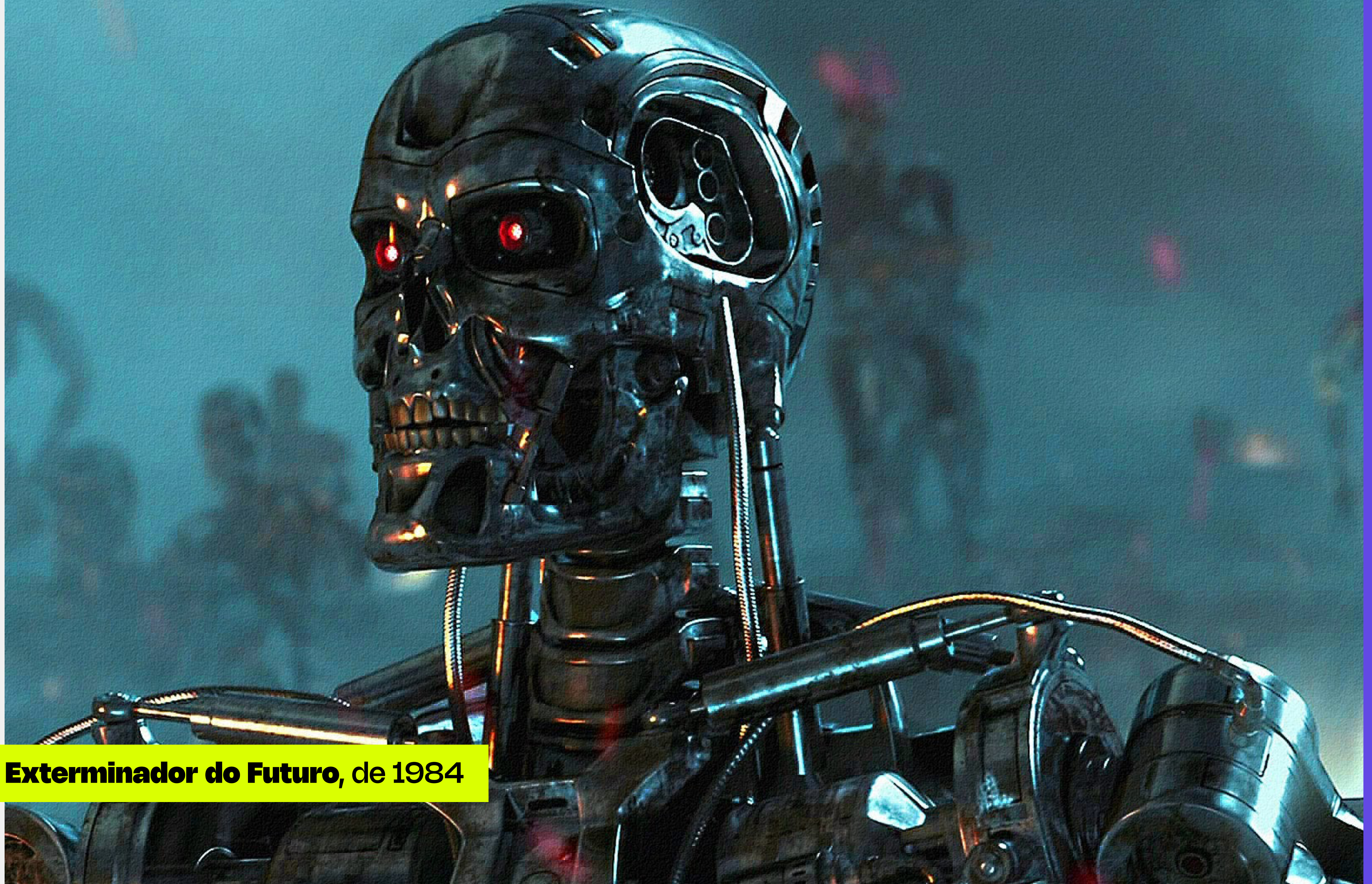
O conceito de **Singularidade Tecnológica**, popularizado por **Ray Kurzweil**, descreve o momento hipotético em que **a inteligência artificial ultrapassará a inteligência humana**, gerando mudanças irreversíveis. Esse cenário causa muita ansiedade nas pessoas, pois sempre tememos sermos substituídos ou dominados por **entidades que criamos**, mas que, mesmo assim, **não compreendemos totalmente**.



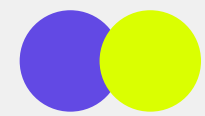
O uso crescente de **deepfakes**, **algoritmos de manipulação comportamental** e **sistemas autônomos de armas letais (LAWS)** ilustra como algumas das mais temidas ficções já se materializaram. A própria **OpenAI**, criadora do GPT, alertou que desenvolvimento irresponsável de IA pode criar **riscos catastróficos para a sociedade**.



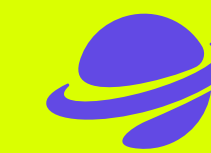
Desde **HAL 9000**, em **2001: Uma Odisseia no Espaço** (1968), até **Skynet**, em **O Exterminador do Futuro** (1984), as IAs são frequentemente representadas como vilãs que se rebelam contra seus criadores. Esse padrão narrativo persiste e molda o imaginário social. Desta forma, o temor em relação às IAs deriva, em grande parte, **da projeção dos traços negativos da humanidade nas máquinas que criamos.**



O Exterminador do Futuro, de 1984



- **Samantha**, de **Ela** (2013)
- **Ava**, de **Ex Machina** (2014)
- **Roy Batty**, de **Blade Runner** (1982)
- **ED-209**, de **Robocop** (1987)
- **AUTO**, de **WALL-E** (2008)
- **Hal-9000**, de **2001: Uma Odisséia no Espaço** (1968)
- **Ultron**, de **Vingadores: A Era de Ultron** (2015)
- As **IA's** e os **Agentes**, de **Matrix** (1999)
- **Skynet**, de **Exterminador do Futuro** (1984)



OS ZUMBIS

E O COLAPSO DA SOCIEDADE



Entre todas as representações do apocalipse na cultura pop, poucas são tão **persistentes e simbólicas** quanto a dos zumbis. **George A. Romero**, criador do conceito de mortos-vivos no cinema, afirmou:

Meus zumbis são sobre a sociedade que devora a si mesma, sobre o consumismo, a alienação e o total colapso das estruturas sociais.



Os zumbis de Romero, em 1968



O apelo moderno dos zumbis está na sua capacidade de condensar múltiplos medos da humanidade: a **pandemia** incontrolável, a **falência do contrato social**, a **perda da individualidade** e o medo da **morte sem transcendência**.



O zumbi representa a **existência desprovida de sentido**, a vida reduzida a persistência biológica. Assistimos a essas narrativas especialmente porque temos perguntas profundas: **o que ainda sobraria da humanidade depois do fim? E vale a pena sobreviver a qualquer custo?**



A Noite dos Mortos Vivos, de 1968



O zumbi é a figura do sujeito sem subjetividade. O corpo que continua movendo-se, mas sem saber o motivo.

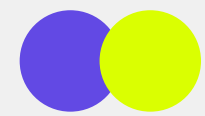
Isso nos empurra para alguns questionamentos muito interessantes: **o que nos faz humanos de verdade?** Nós **estamos mesmo vivos ou só seguimos a manada?** Nós **tomamos decisões** de verdade? Nós vivemos, de fato, ou **apenas sobrevivemos**, consumindo o mundo?



Os que legitimam e os que difamam a literatura precisam lembrar que ela é **a tecnologia mais antiga e mais poderosa da humanidade para alterar a consciência.**

Ursula K. Le Guin

Discurso de aceitação do prêmio na National Book Award, novembro de 2014



Referências e leituras complementares:

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

ASIMOV, Isaac. **Eu, robô**. Tradução de Aline Storto Pereira. São Paulo: Aleph, 2014.

ATWOOD, Margaret. **In other worlds: SF and the human imagination**. New York: Nan A. Talese/Doubleday, 2011. (Sem edição brasileira disponível.)

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CARROLL, Noël. **The philosophy of horror, or, paradoxes of the heart**. New York: Routledge, 1990. (Edição brasileira: A filosofia do horror ou os paradoxos do coração. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1999.)

CLARKE, Arthur C. **Perfis do futuro: ensaio sobre os limites do possível**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Aleph, 2013.

GERBNER, George. **The stories we tell and the stories we sell**. Journal of International Communication, v. 5, n. 1-2, p. 237-244, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

JUNG, Carl G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1982.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein, ou o Prometeu moderno**. Tradução de Christian Schwartz. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. **De relance: uma introdução a Jacques Lacan através da cultura popular**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.



Filmografia recomendada:

2001: Uma Odisseia no Espaço (1968) — Dir. Stanley Kubrick.

A Noite dos Mortos-Vivos (1968) — Dir. George A. Romero.

Black Mirror (2011–2019) — Criado por Charlie Brooker.

Blade Runner (1982) — Dir. Ridley Scott.

Filhos da Esperança (2006) — Dir. Alfonso Cuarón.

Dr. Fantástico (1964) — Dir. Stanley Kubrick.

Ex Machina (2014) — Dir. Alex Garland.

Frankenstein (1931) — Dir. James Whale.

Gattaca (1997) — Dir. Andrew Niccol.

Her (2013) — Dir. Spike Jonze.

Interstellar (2014) — Dir. Christopher Nolan.

Mad Max (1979) — Dir. George Miller.

O Dia Depois de Amanhã (2004) — Dir. Roland Emmerich.

O Exterminador do Futuro (1984) — Dir. James Cameron.

Jogador N1 (2018) — Dir. Steven Spielberg.

Robocop (1987) — Dir. Paul Verhoeven.

Star Trek: The Next Generation (1987–1994) — Criado por Gene Roddenberry.

O Livro de Eli (2010) — Dir. Albert e Allen Hughes.

O Conto da Aia (2017–presente) — Criado por Bruce Miller.

The Last of Us (2023) — Criado por Craig Mazin e Neil Druckmann.

A Estrada (2009) — Dir. John Hillcoat.

The Walking Dead (2010–2022) — Criado por Frank Darabont.

A Máquina do Tempo (1960) — Dir. George Pal.

Vingadores: Era de Ultron (2015) — Dir. Joss Whedon.

Vingadores: Guerra Infinita (2018) — Dir. Anthony e Joe Russo.